
Experiências Radiofônicas do Projeto “Alô, Comunidade”: A Voz da Cidadania e da Cultura Popular no Rádio¹

Kátia FRAGA²

Lucas ZINI³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Este trabalho busca apresentar a experiência no projeto de extensão intitulado “Alô, Comunidade: a voz da cidadania e da cultura popular no rádio”, por meio de programas radiofônicos produzidos por movimentos sociais da cidade de Viçosa, em Minas Gerais. Criado em abril de 2019, no Departamento de Comunicação Social da UFV, o projeto tem como objetivo geral contribuir para viabilizar a criação e a veiculação de programas de rádio em emissoras comunitárias com temáticas voltadas para a cidadania e para a cultura local. O projeto atendeu a duas entidades: o Pérolas Negras e o coletivo Quem Luta Educa (QLE). Estimula-se, no projeto, o protagonismo dos grupos sociais nas peças radiofônicas, proporcionando autonomia aos grupos sociais para que cada entidade defina o formato e o conteúdo das edições.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio, Programas Radiofônicos, Movimentos Sociais, Projeto de Extensão.

INTRODUÇÃO

Cada vez mais, movimentos sociais buscam ampliar as formas de comunicar e conquistar espaços midiáticos para ressoar suas lutas, seus anseios e mobilizar a sociedade. O rádio tem sido um aliado importante e, neste artigo, apresentamos a experiência do projeto de extensão intitulado “Alô, Comunidade: a voz de cidadania e da cultura popular no rádio”, por meio de programas radiofônicos produzidos por duas entidades da cidade de Viçosa, em Minas Gerais: o Pérolas Negras e o coletivo Quem Luta Educa (QLE). Criado em abril de 2019 – e ainda em atividade no Curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa (UFV) –, o projeto estimula o protagonismo dos grupos sociais no processo de criação e veiculação de programas de rádio em emissoras da cidade com temáticas voltadas para a cidadania e para a cultura.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e-mail: katiafraga@ufv.br.

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e bolsista pelo edital PIBIC/FUNARBIC 2019-2020, e-mail: lucas.zini@ufv.br.

O “Alô, Comunidade” objetiva formar comunicadores populares integrantes de movimentos sociais para incentivá-los a fazer suas produções radiofônicas com temáticas de interesse dos seus grupos. Para isso, esses integrantes participam de vários módulos com práticas do Radiojornalismo, desde a produção até a edição dos programas. O projeto apresentou resultados positivos em 2019, com a produção, edição e veiculação de 11 programas *Cultureba*, do Pérolas Negras, na Rádio Comunitária Quintal FM; e seis do Quem Luta Educa, o *QLE em movimento*, veiculados na Rádio Melódia FM. As produções promoveram reflexões em torno de assuntos relevantes para as entidades nos contextos social, político, cultural e econômico, tendo como tônica o exercício da cidadania e a liberdade de expressão a partir da apresentação de outras vertentes de discussão acerca de temas apresentados pela mídia hegemônica.

A experiência radiofônica do projeto de extensão “Alô, Comunidade” é objeto de estudo do presente artigo, que tem como finalidade apresentar reflexões em torno das edições produzidas pelos coletivos citados e analisar de que forma seus produtores e membros discutem assuntos relevantes para as entidades nos contextos social, político, cultural e econômico de Viçosa e do país. Para tanto, inicialmente faremos reflexões teóricas acerca da temática; em seguida, apresentaremos a metodologia, a análise dos resultados e as considerações finais.

MARCO TEÓRICO

Participar como agentes ativos na definição de produção e circulação de conteúdos midiáticos é importante, principalmente, levando-se em consideração os preceitos de Silverstone (2001, p. 9) de que “não podemos escapar da mídia” já que “ela está presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana”. Foi com o intuito de estar na mídia com programas radiofônicos que os movimentos sociais QLE e Pérolas Negras decidiram fazer parte do projeto de extensão “Alô, Comunidade”.

Assim, os integrantes do projeto passaram a conhecer as rotinas de produção do fazer-jornalístico para entender as etapas do processo operacional. Ao se inserirem no *modus operandi* da mídia rádio, inicialmente compreenderam que a linguagem e a mensagem radiofônica vão além da oralidade, conforme destaca Ferraretto (2014), ao sinalizar outros elementos como a música, os efeitos sonoros e até mesmo o silêncio. Compreendeu-se que a mensagem, como uma mescla de forma e conteúdo, é o objeto central da comunicação.

O conteúdo e a forma da mensagem radiofônica, pela ausência de alguns elementos e presença de outros, são condicionados basicamente por seis fatores: (1) a capacidade auditiva do receptor, (2) a linguagem radiofônica; (3) a tecnologia disponível, (4) a fugacidade, (5) os tipos de público e (6) as formas de escuta. (FERRARETTO, 2014, p. 35).

A partir desse entendimento, tornou-se fundamental conhecer as práticas de elaboração de texto, produção, realização de reportagem, entrevista, apresentação de programa e edição, tomando como base o Manual de Radiojornalismo (BARBEIRO, LIMA, 2001). Os elementos do jornalismo radiofônico de um projeto nucleado em um curso de Jornalismo, agregaram valor potencial ao desenvolvimento de programas na vertente da comunicação comunitária.

É nessa perspectiva que funciona o “Alô, Comunidade”, norteado pelos princípios da comunicação comunitária, marcadamente na defesa de meios de comunicação capazes de permitir a participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas para a expressão de suas vivências e necessidades, com autonomia no processo de criação e produção de conteúdo, inovação de linguagens e formatos de programas. As produções seguiram o que Cicília Peruzzo (1999) defende em termos de conteúdo para uma mídia comunitária:

Programação sintonizada com a realidade local; temas de interesse local; dirigida a segmentos específicos da população (...) em torno de interesses comuns (...) no exercício da democracia e da cidadania. (PERUZZO, 1999, p. 152).

Os programas construídos em lógica comunitária têm a capacidade de reverberar tudo isso, uma vez que possibilitam uma real transformação social em quem participa (PERUZZO, 1999). Põe-se em visão o direito de participar e, a partir dele, as possibilidades de participação eficiente e edificante, capaz de constituir uma “cultura democrática onde o ser humano é força motivadora, propulsora e receptora dos benefícios do desenvolvimento histórico” (PERUZZO, 1999, p. 298).

Nesse sentido, é importante a abertura de espaços em emissoras de rádio para debate, troca de ideias em programas produzidos pelas próprias comunidades, por movimentos sociais, tendo em vista que “toda voz, independentemente do canal por onde se transmite, pode enriquecer a opinião pública e favorecer as relações sociais” (LOPEZ VIGIL, 1995, p. 52).

Nessa possibilidade de diálogo comunicacional, esses sujeitos se relacionam, se influenciam e, juntos, buscam modificar a realidade na qual estão inseridos (DIAZ BORDENAVE, 2013). É a partir da publicização desse tipo de conteúdo que as comunidades podem promover representações sociais identitárias e midiáticas por sua própria voz e contribuir no processo de formação de uma memória coletiva. A memória, nesse sentido, é um “elemento essencial do que se costuma chamar identidade” (LE GOFF, 2013, p. 435), sendo constituinte da imagem, das relações e das percepções sociais desses indivíduos.

No rádio, as histórias de vida e as temáticas locais vão ganhar eco na voz dos próprios agentes sociais, que abordam questões de seus interesses. Suas reivindicações, seus anseios e seus valores passarão a ter grande visibilidade nesse espaço midiático. Cicília Peruzzo (1999) reforça a importância das áreas de atuação dos meios de comunicação no viés comunitário-popular na sociedade em que atuam:

Contribuem [...] duplamente para a construção da cidadania. Oferecem um potencial educativo enquanto processo e também pelo conteúdo das mensagens que transmitem. Por seus conteúdos podem dar vazão à socialização do legado histórico do conhecimento, facilitar a compreensão das relações sociais [...], dos assuntos públicos do país, esclarecer sobre os direitos da pessoa humana e discutir os problemas locais [...] Podem facilitar a valorização das identidades e raízes culturais, abrindo espaço para manifestações dos saberes e da cultura da população: da história dos antepassados às lendas e às ervas naturais que curam doenças. (PERUZZO, 1999, p. 14).

Nesse sentido, um canal de comunicação com a participação popular, desperta o sentimento de pertencimento nos moradores e reforça os laços afetivos dos integrantes da comunidade, contribuindo para o fortalecimento da identidade. São esses elos identitários a base de materialização da comunidade, termo que, segundo Zygmunt Bauman (2003), carrega toda uma mística de sentimentos e significados positivos. Para o autor, a comunidade é um lugar "cálido", de “aconchego”. No mundo contemporâneo, com a disputa acirrada do cotidiano, em um ritmo desenfreado, a comunidade se apresenta como lugar de proteção, de segurança e de carinho. Enquanto a competição permeia as relações externas, na comunidade, os moradores encontram solidariedade e bondade entre si.

É nesse clima de unidade e interação que os agentes sociais envolvidos neste projeto de extensão produzem suas narrativas radiofônicas. Isso ocorrerá com “elos profundos entre os membros, como o sentimento de pertencimento, identidade e

comunhão de interesses” (PERUZZO, 2003, p. 246). Não é por acaso que o rádio foi escolhido para ser a mídia mediadora para a realização do “Alô, Comunidade”. A afirmação do jornalista Alberto Dines (2001), no prefácio do livro “O rádio na era da informação”, de Eduardo Meditsh, reforça a importância desse veículo por entender que “na era da mundialização, o rádio e as rádios constituem um valioso ferramental para a fixação de identidades por estimular apegos locais ou regionais e cimentar aproximações” (DINES, 2001, p. 13).

O rádio continua sendo um veículo de comunicação de grande penetração no cotidiano das pessoas. Soma-se a isso a agilidade e a simultaneidade do rádio, as quais conquistam os ouvintes pela possibilidade de ouvir um programa radiofônico realizando outras atividades, fazendo com que se torne parte das relações cotidianas e companhia para as pessoas (JUNG, 2007). No cenário da Zona da Mata mineira, Fraga (2018) constatou, em sua tese de doutorado, que mesmo diante de uma grande diversidade de ofertas das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) disponíveis na atualidade da comunicação em rede, o rádio continua presente no cotidiano dos moradores de áreas rurais da região, seja sintonizado no modelo hertziano ou acessado pelo celular e pela televisão. Segundo a pesquisadora, isso foi constatado também em outros estudos sobre o uso de mídias no Brasil, tanto em áreas rurais quanto urbanas.

Viçosa segue essa tendência, tendo em vista que o rádio é um meio de comunicação que faz parte das pautas cotidianas da população, principalmente porque, como aponta Peruzzo (2003, p. 245), para além de questões do âmbito universal e nacional, as pessoas estão interessadas nos assuntos “que dizem respeito à vida do bairro, da vila, da cidade ou do município em que vivem”.

METODOLOGIA

O projeto “Alô, Comunidade: A Voz da Cidadania e da Cultura Popular no Rádio” embasou suas ações extensionistas nos preceitos de Cicília Peruzzo (2007), defendendo que ao participar de qualquer modalidade do processo de comunicação comunitária, os indivíduos vivenciam um regime educativo que contribui para a sua formação cidadã. Eles podem, então, desenvolver a capacidade de expressão verbal, além de conhecer o poder mobilizatório e de projeção que a mídia possui. Além disso, eles passam a compreender melhor a realidade, o mundo que os cerca e aumentam seus

conhecimentos técnicos, filosóficos, históricos e legais, ampliando, assim, a consciência de seus direitos.

Para serem inseridos no processo do fazer-jornalístico, os integrantes dos coletivos parceiros passaram por várias fases de capacitação com o intuito de compreenderem o processo das rotinas de produção de peças radiofônicas, formatos de programas, além de teorias e práticas do radiojornalismo (BARBEIRO; LIMA, 2001; BARBOSA FILHO, 2003; FERRARETTO, 2014). Após as oficinas, os membros dos coletivos eram orientados nas atividades práticas e supervisionados pelos estudantes e pela professora, com a liberdade criativa e o poder de decisão durante a produção dos programas.

A metodologia desta pesquisa, por sua vez, centrou-se na análise qualitativa de conteúdo proposta por Maria Cecília de Souza Minayo (2001). Para a autora, os objetos de estudo das ciências sociais e humanas são históricos, ou seja, existem em algum espaço temporal específico e dotado de um contexto que possibilita a sua caracterização (MINAYO, 2001). Por isso, muito além das verificações estritas dos materiais coletados, faz-se necessária uma interpretação completa dos enquadramentos e pormenores que levaram a qualificação dos programas de rádio ao posto de objeto de estudo para, então, a partir daí, examinar seus significados e sentidos. No caso em questão, os pesquisadores analisaram cinco programas *Cultureba* (do Pérolas Negras, na Rádio comunitária Quintal FM) e seis *QLE em movimento* (do Quem Luta Educa, na Rádio comunitária Melodia FM).

A coleta desses materiais deu-se na rotina do projeto de extensão e nos desdobramentos de suas atividades. Dos dois programas estudados, apenas o *Cultureba* era realizado ao vivo e não integralmente roteirizado. Dessa forma, sua coleta foi feita por meio da gravação dos programas enquanto eles eram transmitidos no estúdio da rádio Quintal FM – todo sábado, de 15h às 18h. As edições do *QLE em movimento*, também criadas no âmbito do projeto de extensão, foram encaminhadas em formato MP3⁴ logo após sua produção pelo coletivo.

A análise de conteúdo seguiu a metodologia proposta por Laurence Bardin (2006). Em linhas gerais, a autora defende três etapas metodológicas: organização, codificação e, por fim, a categorização dos materiais. Dessa forma, após reunidas, as

⁴ Formato de arquivo de compressão de áudio, sigla para *MPEG Audio Layer-3*. Comum para compartilhamento de arquivos de áudio virtuais.

quase 30 horas de gravação coletadas passaram pelo processo de decupagem⁵ e de agrupamento do *corpus*, composto por todos os roteiros transcritos e condensados em um único arquivo. A partir dele, realizou-se uma análise textual por meio do *software Iramuteq* (Interface R⁶ para análise Multidimensional de Texto e Questionário) para auxiliar nas análises das falas, das expressões e das palavras relacionadas às vivências midiáticas das entidades e de seus membros presentes no corpo dos roteiros.

Para tal, utilizamos os métodos de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e da Nuvem de Palavras⁷, ambos processados pelo *Iramuteq*. Na CHD, o *software* divide o *corpus* em seguimentos de texto (STs) e agrupa-os em classes temáticas com as palavras que obtiveram maior frequência e associação (χ^2) entre si (CAMARGO; JUSTO, 2013). Na Nuvem de Palavras, o programa agrupa os vocábulos de forma gráfica, conforme sua relevância. Eles são, então, estruturados visualmente em formato de nuvem com cada palavra variando suas dimensões proporcionalmente à sua frequência no *corpus*. Dessa forma, as análises lexicográficas permitem uma compreensão ampliada das *clusters* de discurso e das ideias lançadas pelos coletivos em seus programas.

RESULTADOS E ANÁLISES


Na primeira análise, feita por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), o *Iramuteq* dividiu o *corpus* dos programas transcritos em seis classes temáticas (FIGURA 1). A partir dos resultados organizados em um dendrograma, os pesquisadores nomearam as classes com base nos seguimentos de texto (STs) e suas significações e sentidos contextualizados, procedimento este que será agora por nós aprofundado.

⁵ Em comunicação e no caso em estudo, o verbo *decupar* significa transcrever os áudios das gravações dos programas de rádio em formato de texto corrido.

⁶ O *Iramuteq* funciona utilizando paralelamente o *Software* livre R, que é uma linguagem com foco em análises estatísticas e gráficas. O R é “um pacote estatístico open-source e esta flexibilidade o torna bastante popular no meio acadêmico”, proporcionando da “produção das análises e gráficos, incluindo símbolos e fórmulas matemáticas, uma vez que o usuário detém total controle sobre o que está sendo desenhado”. Informações disponíveis em: https://rstudio-pubs-static.s3.amazonaws.com/106363_3cdd7d2bedb74c32a5ae86b4bdefb435.html. Acesso em: 8 jul. 2020.

⁷ Informações obtidas em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salvati>. Acesso em: 08 jul. 2020.

Figura 1 – Dendrograma Classificação Hierárquica Descendente (CHD).



Classe 6: Ferramentas e meios comunicacionais para chamamento popular 61/564 – 10,82%			Classe 4: Agendas e ferramentas de mudanças sociais 149/564 – 26,42%			Classe 3: Embates e pautas participativas em âmbito municipal 62/564 – 10,99%			Classe 2: Defesa do Trabalhador 69/564 – 12,23%			Classe 1: Construção da Identidade e da autorrepresentação midiática 89/564 – 15,78%			Classe 5: Programas Radiofônicos como instrumento de mobilização social 134/564 – 23,76%		
	F	Nº		F	Nº		F	Nº		F	Nº		F	Nº		F	Nº
Cultura	14	118,38	Reforma	28	82,58	Cidade	56	109,97	Processo	17	55,39	Negro	27	72,51	Pessoa	64	69,80
Salvar	11	92,51	Famino	61	40,49	Mineração	17	108,88	Crianças	13	48,26	Preto	9	48,81	Gente/A gente	114	26,19
Programa	34	86,43	Professor	42	26,82	Empresa	24	104,96	Casa	11	38,24	Mulher	32	48,51	Achar	22	35,91
Mandar	14	83,49	Medanças	7	26,68	Exploração	9	34,05	Pensar	17	55,46	Homem	13	28,61	Falar	80	31,61
Aqui	50	78,04	Estudante	35	23,71	Lucro	6	49,1	Educador	10	31,64	Aprender	7	26,08	Ajudar	11	20,40
Quintal FM	8	66,92	Público	13	18,66	Impacto	18	47,73	Demanda	4	28,4	Informar	4	21,5	Democratização	6	19,46
Facebook	11	44,58	Lei	9	17,78	Comunidade	20	41,04	Trabalhar	5	28,58	Educar	40	20,61	Você	78	16,19
Instagram	7	41,23	Estado	14	16,21	Família	11	40,7	Questão	24	20,22	Lembrar	5	15,65	Entender	31	14,88

Fonte: Informações do relatório de análise do software Iramuteq, 2020.

A primeira classe analisada é a classe 6, detentora de 61 dos 564 seguimentos de texto existentes. Ela foi chamada de *ferramentas e meios comunicacionais para chamamento popular*, por reunir os STs que versavam sobre as convocações feitas pelos membros do coletivo, no papel de comunicadores populares, para que seus ouvintes tomassem partido da causa em questão, procurassem saber ou, até mesmo, participassem ativamente do QLE. Isso fica explícito na fala de um dos apresentadores, quando convida os ouvintes a conhecerem mais do coletivo e interajam com o programa *QLE em movimento* nas redes sociais:

Você, ouvinte da Rádio Melodia, pode nos encontrar nas redes sociais pesquisando por Quem Luta Educa Viçosa no *Instagram* e no *Facebook*, ou ainda, se preferir, pode entrar em contato com a gente pelo *e-mail* qlevicosa@gmail.com. (Segmento de texto extraído do encerramento padrão de todos programas “*QLE em movimento*” analisados).

Da classe 6 derivam-se as demais classes. Isso significa que, todos os seguimentos de texto são, em algum grau, relacionados ao uso das técnicas de produção jornalística adquiridas e construídas pelos militantes ao longo do projeto “Alô, Comunidade” para fazer contato, informar e passar suas ideias por meio do rádio.

Outro conjunto apontado pelo *Iramuteq* foi a classe 3, nomeada *embates e pautas participativas em âmbito municipal*. Ela reuniu 62 dos 564 STs para falar sobre os pontos de discussão locais, dispostos a partir das vivências dos membros dos coletivos. Todos são residentes em Viçosa, logo, a política local é a que afeta mais diretamente a eles e à população, como um todo. Portanto, é natural que apareçam

programas e/ou quadros temáticos que versem sobre o que aflige a população viçosense, como é o caso da mineração:

A empresa Zona da Mata Mineração não informou os problemas de abastecimento de água das famílias, tendo em vista a grande quantidade que será usada no empreendimento e não diz sobre os impactos na cultura local e convivência das *nossas comunidades*. (Segmento de texto extraído da 1ª ed. do *QLE em movimento*, sobre a mineração em Viçosa e região, grifo nosso).

Os integrantes do QLE são moradores de Viçosa e região ou pessoas envolvidas com as causas que afetam essa e outras áreas de Minas Gerais, conforme temática desse programa. Nessa edição, os produtores alertam para a questão da mineração e os problemas sociais das comunidades, propondo reflexões, envolvimento e soluções que passem pela participação popular (PERUZZO, 1999, 2007).

A classe 4, por sua vez, foi denominada *agentes e ferramentas de mudanças sociais* e utilizou 149 de 564 STs. Ela foi assim chamada por juntar todos os seguimentos de texto que versam sobre as possibilidades e proposições feitas pelos coletivos, quais sejam, mudanças de legislação, de postura, cobranças, tensionamentos ou quaisquer outras ferramentas julgadas importantes para provocar a desejada mudança social.

O abandono paterno tem que ser olhado com um pouquinho mais de atenção, é uma *mudança* necessária. Vivemos uma epidemia social e que isso tudo faz parte dos nossos conflitos emocionais, conflitos enquanto pessoa, conflitos em relação ao ser homem e ao caráter humano. (Segmento de texto extraído do programa *Cultureba* de dia dos pais, de 10 de agosto de 2019, grifo nosso).

Esperamos que o primeiro programa do QLE tenha esclarecido como anda a *educação* em nível local, estadual e nacional. Temos muitas *preocupações* frente às medidas que vem sendo tomadas pelos governantes, seja pelo o risco de privatização das universidades federais com o projeto Future-se, pelo cortes de bolsas de *pesquisa* e *extensão* que são fundamentais para **resolver** problemas da sociedade e para a renda dos estudantes ou pelo descaso do governo Zema que está fechando salas de aulas, diminuindo o número de escolas de tempo integral e não pagando o piso salarial dos professores. Mas para *enfrentarmos* todos esses desmontes precisamos lutar *juntos!* *Contamos com vocês!* (Segmento de texto extraído da 1ª ed. do *QLE em movimento*, sobre os cortes na educação em Minas Gerais, grifo nosso).

Nesse episódio do programa *Cultureba*, a comunidade é evocada para se mobilizar diante de um problema vivenciado por muitas famílias, a fim de que ocorra uma mudança em relação ao abandono paterno e os “entes” tenham acolhimento, segurança e afeto nessa comunidade (BAUMAN, 2003). Já o *QLE em movimento*,

conclama a sociedade para a defesa da Educação Pública no sentido de assegurar os direitos da população. Essa estratégia de mobilização está ligada às práticas sociais delineadas por Diaz Bordenave (2013), a partir das quais os sujeitos, ao se relacionarem, se influenciam e buscam modificar a realidade em que estão inseridos.

Da classe 5 são formadas outras duas: a 2 e a 1. A primeira classe recebeu o nome de *Construção da Identidade e da autorrepresentação midiática* e reúne 89 de 564 STs possíveis que conversam sobre a importância da educação para uma mudança da sociedade. Independente da origem ou formação acadêmica, todos os produtores concordam que a educação é uma saída segura, importante e única para alcançar as melhorias almejadas. Além disso, palavras como *negro, preto, mulher e homem*, revelam o caráter afirmativo das pautas trazidas pelos apresentadores, em uma tentativa de fazerem autorrepresentações midiáticas no espaço do rádio, uma vez que eles também são *negros, pretos, mulheres e homens*.

A igualdade de gênero e o fim das demais desigualdades sociais passa por uma educação humanizada que promova esse pensamento nas nossas crianças. (Segmento de texto extraído da 2ª ed. do Cultureba, sobre dia da igualdade feminina, grifo nosso).

Experimenta nascer preto, pobre e na comunidade. Você vai ver como são diferentes as oportunidades. (Segmento de texto extraído da 2ª ed. do QLE em movimento, sobre Ações Afirmativas, grifo nosso).

Essa reflexão, em torno de questões identitárias, ressoa nessas produções midiáticas como dilemas e lutas trazidos pela própria voz de quem enfrenta e acompanha de perto esses problemas, a partir de suas percepções sociais, de uma memória coletiva (LE GOFF, 2013).

A classe 2 acolheu 69 dos 564 STs existentes e recebeu o nome de *Defesa do Trabalhador*. A maior parte dos seguimentos de texto presentes no *cluster* corresponde a processos enfrentados pelos trabalhadores e trabalhadoras viçosenses em seu cotidiano. Problemas trabalhistas, mães que não tem com quem deixar os filhos, dada a escassez de vagas em creches e na rede básica de ensino e outras questões postas nas produções, nos levam a crer que os coletivos empregaram práticas de defesa dos trabalhadores em seus programas.

O cenário que se vê é o de dezenas de trabalhadores sendo sobrecarregados e demitidos, banheiros fechados e estudantes perdendo suas bolsas, o que

compromete sua permanência na universidade. (Segmento de texto extraído da 3ª ed. do *QLE em movimento*, sobre o projeto Future-se).

A classe 5, por fim, utilizou 134 dos 564 STs possíveis para aglomerar os vocábulos que versam sobre a mobilização dos indivíduos em um espaço midiático capaz de ressoar ideias. Nesse contexto é possível concluir, a partir da extração dos trechos relacionados, que os militantes utilizaram seus programas de rádio para convocar os ouvintes a uma participação efetiva nas discussões e um envolvimento em práticas políticas eficientes de mudança. Além disso, também é por meio das palavras expressas nessa classe que os produtores desenvolvem traços de empatia e identificação para com os espectadores. Isso fica claro pela grande concentração de substantivos como *pessoa* e de pronomes como *você* e a locução pronominal *a gente*, utilizadas como vocativos e chamamentos à população.

Você aí sabe o que é cultura? Cultura nada mais é do que o conjunto de todos os costumes, conhecimentos, crenças e hábitos adquiridos pelo ser humano dentro da sua nação. (Segmento de texto extraído da 5ª ed. do QLE em movimento, sobre democratização da cultura, grifo nosso).

Tá na hora da gente passar a visão pra vocês jovens, mais velhos, tios, avós, pais e mães que tão ouvindo a gente. Prestem atenção nessa rotina de vocês e como vocês acabam influenciando negativamente quem tá ao redor de vocês. (Segmento de texto extraído da 4ª ed. do Cultureba, sobre Drogas, grifo nosso).

Nota-se que, nos dois casos, os locutores falam em tom de proximidade com o público e propõe meios de contato e construção conjunta. Assim, o rádio torna-se instrumento de mobilização desses indivíduos em um espaço midiático capaz de ressoar as lutas, os anseios, as ações de pessoas e os assuntos que estão fora das pautas das mídias tradicionais e hegemônicas, como as ações de solidariedade e as pautas expressas nas classes anteriores (PERUZZO, 1999, 2003; LOPEZ VIGIL, 1995). Além disso, verbos como *falar*, *ajudar*, *achar*, *poder* e *entender* denotam a chamada para a ação pensada pelos produtores. O discurso marcado por essa classe lexical pode ser interpretado como propositivo, ao convidar o ouvinte para o trabalho, para a luta e/ou para compor o coletivo que o convoca. Esses verbos, em maioria, são acompanhados por outros verbos auxiliares conjugados na primeira pessoa do plural. Surge, então, as locuções verbais “vamos falar”, “vamos entender”, “vamos achar” e outras. Elas são tradicionais e costumeiras em falas políticas e manifestações progressistas, por carregarem o interlocutor junto com a ação proposta.

da 4ª ed. do *QLE em movimento*, sobre a Reforma do Ensino Médio, grifo nosso).

Outra possível conclusão é a de que existem muitas negações, apagamentos ou ausências que permeiam o cotidiano desses comunicadores populares, que são, em geral pobres, negros e moradores da periferia viçosense. Valida-se em:

Eu *não* tive pai, mas tive outros homens que desempenharam essa função de figura paterna na minha vida. (Segmento de texto extraído do programa *Cultureba* de dia dos pais, de 10 de agosto de 2019, grifo nosso).

Ademais, outros termos em destaque são os substantivos *gente* e *educação*, sendo que *gente* sobretudo deriva-se da locução pronominal *a gente*, que equivale ao pronome pessoal reto *nós*. Além disso, os verbos *falar*, *querer* e suas variações, também são realçados nesta análise. Semanticamente, a presença dessas palavras denota ação e processo, o que nos permite perceber o tom reivindicativo e de proposição das peças estudadas. A representação social dessas entidades no espaço midiático do rádio se dá, então, a partir da chamada de responsabilidade e de poder para a população, interlocutora do programa, ao falar que “a gente” “fala” e “quer” determinadas posturas, mudanças e melhorias na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa pudemos constatar, com base na análise das falas, expressões e palavras relacionadas às vivências midiáticas dos coletivos presentes nos roteiros estudados, que o Pérolas Negras e o Quem Luta Educa usam das ferramentas comunicacionais, sobretudo do rádio, para transmitir ideias, defender causas e mobilizar a sociedade. Nesse sentido, reforçam suas identidades e as marcas da representação social de suas entidades nos espaços midiáticos radiofônicos, como demonstramos ao longo do texto.

O projeto “Alô, Comunidade”, dessa forma, atua além da formação e capacitação de comunicadores populares, visto que viabiliza, fomenta e fortalece a possibilidade de que essas comunidades façam, por si próprias, a referida representação social pública. A participação de indivíduos de fora do espaço institucional da comunicação permite, então, uma pluralidade de ideias, pensamentos e pautas que tradicionalmente não compõe o rol de assuntos e percepções dadas pela mídia hegemônica.

Por fim, acreditamos que é nesse tipo de espaço de troca e construção do conhecimento entre os participantes do projeto de extensão e os estudantes que ocorre o aprendizado efetivo das práticas jornalísticas. Os alunos, em posição de consultores e/ou prestadores de auxílio, estudam e descobrem novas técnicas durante o fazer-jornalístico para que possam, então, ajudar os membros dos coletivos. Por sua vez, estes aprendem as técnicas, teorias e transmitem outras percepções de mundo, entendimentos e colaboram no constante processo de atualização e melhoria da nossa área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros Radiofônicos: Os Formatos e os Programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). 7. ed. Lisboa: Persona, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software IRAMUTEQ**. 2016. Disponível em: http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial-IRaMuTeQ-em-portugues_17.03.2016.pdf. Acesso em: 11 jul. 2020.

DIAZ BORDENAVE, Juan. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
DINES, Alberto. Prefácio. In: MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. São Paulo: editora Insular, 2001.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FRAGA, Kátia de Lourdes. **O rural em rede: rádio, midiaticização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira**. 2018. 145 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LOPEZ VIGIL, José Ignacio. ¿Qué hace comunitaria a una radio comunitaria? **Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 52, p. 51-54, nov., 1995. Disponível em: <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/621/618>. Acesso em: 10 out. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Mídia comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento. *In*: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de. (Org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom/UNEB, 2003, p. 245-264.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Rádio Comunitária, educação e desenvolvimento. *In*: PAIVA, Raquel. **O Retorno da Comunidade, os Novos Caminhos do Social**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2001.